

Educação como fator de produtividade e competitividade¹

José Pastore²

Há pouco tempo a minha neta perguntou:

- Vovô, quantos anos você tem?

- Mariana, eu sou do tempo em que não existia avião a jato. Nem televisão. Sou do tempo em que não havia computador, fax, Internet ou e-mails. Telefone celular, nem pensar...

Ela tomou um susto e exclamou:

- Vô! Você deve ter uns 200 anos!

- Pois é Mariana, tudo isso apareceu nos últimos cinquenta anos e a maioria nos últimos vinte. Por aí você vê a espantosa velocidade de mudança que marca os tempos atuais.

A velocidade das mudanças

Vivemos em uma era em que a história corre muito depressa. Já houve outros tempos assim. Lembro aqui a entrada dos teares tocados à máquina a vapor inventada por *James Watt* em 1763 e a entrada do motor elétrico inventado por Werner von Siemens em 1886.

Cada vez que a história dá uma arrancada dessas, novas competências são demandadas. É o que está acontecendo nos dias atuais. As novas tecnologias estão entrando no mundo do trabalho a uma velocidade irreconhecível, abrindo inúmeras oportunidades para os trabalhadores e colocando enormes desafios para o sistema educacional. Este é demandado a inovar e se ajustar a um ritmo que não é próprio da cadência educacional.

Para atender às necessidades criadas pelas novas tecnologias, a escola é chamada a oferecer novas habilidades. O descompasso tem sido grande. Isso porque a maioria das escolas prepara os alunos para atender as necessidades de antigamente e que não existem mais. Ou seja, o mundo mudou e a escola não mudou. Os métodos de ensino não mudaram. Os professores não mudaram. Há exceções, é claro.

As principais mudanças no trabalho

Com as novas técnicas de produzir, vender e prestar serviços, as atividades humanas foram enormemente fragmentadas. Nos dias de hoje, é raro o bem que seja produzido por uma só empresa. Veja o caso de um simples tênis. Quem faz a sola, não faz o tope. Quem faz os cordões, não faz os ilhoses. E assim por diante. Cada empresa se

especializa em uma atividade. Ao longo do processo, as várias partes se encontram e formam o produto final.

A produção atual é realizada predominantemente em redes ou em cadeias produtivas. Nelas, tudo tem de ser feito a tempo e à hora e com muita criatividade – para atrair os olhos e o bolso dos consumidores. A busca é para fazer com a mais alta qualidade e mais baixo preço. Inovação e produtividade são essenciais tanto do lado das empresas como dos trabalhadores.

Atualmente, quem compete não são as empresas e sim as redes de produção ou cadeias produtivas. Vence a mais eficiente. Morre a ineficiente. A concorrência é feroz. Para trabalhar com eficiência, redução de insumos, design e preço convidativos, a qualificação dos trabalhadores passou a ser um fator estratégico.

Os modos de trabalhar mudaram. As novas tecnologias abriram o mundo para o trabalho para os grupos virtuais que operam nas mesmas empresas e em empresas diferentes – e até entre países. O trabalho em grupo demanda grande versatilidade. Para resolver os imprevistos e as dificuldades de rotina, os trabalhadores precisam dispor de bons conhecimentos básicos, além de domínio das especificidades de sua profissão. Isso é fundamental para produzir com produtividade e para competir com sucesso nos mercados atuais.

Os desafios para o ensino

Para as escolas, as exigências do avanço tecnológico, da escalada da globalização, dos novos métodos de trabalhar e da galopante concorrência impõem uma corrida em relação a um ponto móvel. Quanto se chega a ele, descobre-se que o concorrente já o ultrapassou e está mais longe. Esse é o mundo da competição. Todos inovam diariamente para poder conquistar os consumidores. Vence quem dispõe de quadros capazes de produzir mais, diversificar produtos, atender desejos, ganhar mercado, acumular lucros e aumentar os investimentos.

O grande diferencial das empresas nos dias atuais está na capacitação dos seus trabalhadores. Sim porque as máquinas e os equipamentos se tornaram baratos, acessíveis e “inteligentes”. As empresas estão cada vez mais parecidas na sua tecnologia. O que as distingue, são os talentos que operam suas máquinas e seus equipamentos.

No agregado, a modernização tecnológica eleva a demanda por profissionais bem

preparados. No Brasil, isso pode ser evidenciado pela redução (em termos proporcionais) da participação dos trabalhadores de menos instrução no mercado de trabalho e pelo aumento dos mais educados.¹ Ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio de 2012 (PNAD), o IPEA constatou que o aumento da escolaridade foi o principal fator de expansão da renda do trabalho.² Isso mostra que o mercado valoriza a educação em geral e, em especial, a profissional. Na média, os trabalhadores que concluem um curso técnico, têm um salário médio que é 13% superior aos dos que concluem apenas o curso médio convencional. A sua empregabilidade é 40% maior.³ Quando se introduz a dimensão qualitativa, o quadro fica ainda mais claro. O bom profissional está sempre acima da média de seu grupo tanto no nível de renda quanto à empregabilidade.

O novo modo de trabalho⁴

Para se chegar a altos níveis de produtividade, o mundo do trabalho está em busca de profissionais que tenham, sobretudo, uma boa *capacidade de pensar*. Parece simples chegar a isso. A caminhada, porém, está cheia de dificuldades. No Brasil, poucas são as escolas que ensinam a raciocinar, analisar, avaliar e comunicar adequadamente - habilidades mentais que são essenciais para as pessoas produzirem com eficiência, progredirem na carreira e contribuírem para o desenvolvimento do país.

A maioria das nossas escolas ensina a somar, subtrair, multiplicar e dividir, mas, raramente transmitem aos alunos o significado dos números. Há estudantes que depois de onze anos de escola, não conseguem interpretar uma estatística. Muitos não entendem a mensagem dos gráficos que saem nos jornais. Na prática, estão fora do mundo. Estão fora do mundo também os que não conseguem fazer conexões entre os fatos que estudam nas ciências sociais e mesmo nas ciências naturais. Isso é essencial para chegar a idéias novas. Afinal, ninguém alcança o futuro sem uma interpretação razoável do presente e do passado.

Repetindo: as empresas dos dias atuais estão em busca de quem sabe pensar. Uma das maneiras de se saber se a pessoa pensa adequadamente é verificar se é capaz de fazer perguntas inteligentes. As empresas observam isso por saberem que só se chega a uma boa resposta a partir de uma boa pergunta. Essa foi a riqueza do método de Sócrates que ensinava fazendo perguntas.

Infelizmente, nossas escolas, com raras exceções, não estimulam os jovens a fazer

perguntas. Elas fazem parte do tempo em que a tarefa de inquirir era dos professores. Cabia aos alunos responder o que sabiam nos testes e provas.

De modo geral, podemos dizer que nossas escolas não foram desenhada para ensinar os alunos a pensar. Isso conspira contra as exigências de destreza, agilidade, versatilidade e flexibilidade que são requeridas para o trabalho produtivo. Conspira contra a produtividade.

Muitos professores alegam não ter tempo para lidar com a curiosidade dos jovens e muito menos com pensamentos abstratos. Poucos se preocupam em saber o que o trabalho moderno exige. Na melhor das hipóteses, acham que as empresas só querem conhecimentos específicos sobre questões práticas, pouco se importando com o mundo das abstrações. Ledo engano. A capacidade de abstrair é fundamental no trabalho moderno. É isso que leva os recrutadores a buscar quem faz boas perguntas, quem demonstra ter dúvidas e vontade de esclarecê-las. Eles sabem que grande parte dos aspectos práticos das profissões são ensinados pela própria empresa que, por sua vez, não tem condições de ensinar a pensar. Conversando com empresários modernos ouço deles o seguinte:

“Conheço as pessoas muito mais pelas perguntas que fazem do que pelas respostas que oferecem”.

A importância de saber pensar pode ser mais bem entendida quando se observa a nova realidade do trabalho atual. No passado, as empresas tinham uma enorme hierarquia. A administração era de cima para baixo. Os chefes definiam as tarefas que os empregados deviam fazer. Cada um era especializado em uma delas. Hoje as empresas quase não têm hierarquia, São horizontais. São planas. O trabalho é feito em grupo. E dentro de cada grupo, os empregados têm de formular a melhor maneira de executar a tarefa. A inovação ocorre desde as pequenas soluções até as grandes.

Muitos professores acham que os jovens vão encontrar um trabalho no qual tudo está definido nos seus detalhes. Isso está cada vez mais raro. A empresa de hoje dá as linhas gerais. O resto fica por conta dos trabalhadores criarem e inventarem. Para tanto, eles precisam ter uma boa capacidade de pensar e de se comunicar. Junto com o grupo, eles têm de chegar a soluções novas e produtivas.

Por isso, os recrutadores estão de olho na curiosidade dos candidatos, na sua capacidade de perguntar e de resolver problemas. Eles não gostam de pessoas que aceitam as coisas

como elas aparentam ser. Buscam quem as questiona. Querem quem faça perguntas novas porque é isso que avança a compreensão dos fatos e eleva a produtividade.

Esse é o caminho para se alcançar altos níveis de produtividade. No ambiente de trabalho dos dias de hoje, as soluções não são mais prescritas. Ninguém está na empresa para dizer exatamente o que deve ser feito. Os empregados têm de descobrir o que e como fazer e usar soluções que nunca foram usadas anteriormente. Para isso, precisam ter discernimento para saber o que é importante e o que não é. Ou seja, ele precisa ser capaz de pensar criticamente.

Exigências do ensino

Para atender as necessidades do mundo moderno já não basta à escola treinar os jovens para passar nos exames. Elas precisam trabalhar o pensamento abstrato e preparar o estudante para apreender a lidar com o processo investigativo. Além disso, há que se trabalhar também a inteligência emocional porque no mundo do trabalho os jovens terão de interagir e criar com outras pessoas. É por esse caminho que surgem as novas e boas idéias.

Em um mundo de enorme competição, o progresso já não depende de mudanças incrementais. Depende de saltos. É assim que nossos concorrentes estão agindo. A conquista dos consumidores é feita com base em novidades, utilidades, beleza, preço e funcionalidade. Nessas tarefas, todos têm importante papel – desde o proprietário da empresa até o último funcionário na reduzida hierarquia atual.

A prática do trabalho interdisciplinar é estratégica para se tornar e para se manter competitivo. Tornar-se competitivo é bastante difícil. Manter-se competitivo é ainda mais difícil e depende de ter boas idéias a cada passo, pois assim procedem os competidores.

Os professores se queixam da falta de motivação de seus alunos. É intrigante porque os mesmos alunos realizam uma dezena de atividades fora da escola com alta motivação.

Tudo indica que o desencanto na escola decorre da abordagem usada pelos professores quando insistem nos métodos do passado. Por exemplo, a exigência de decorar contraria a expectativa dos jovens de hoje. No passado, existiam poucas bibliotecas e só alguns tinham acesso às enciclopédias. Naquele tempo, memorizar era uma necessidade imperiosa. Bill Gates não havia nascido... Hoje, com os recursos da tecnologia da

informação, acabou a necessidade de memorizar – a não ser as informações estratégicas. A maioria pode ser pesquisada. E a isto os jovens se entregam com visível vontade. Com um monitor na frente, eles fazem muitas perguntas. E, ao receber respostas instantâneas, fazem mais perguntas. Eles gostam da interação com a máquina e com outras pessoas e se encantam com a velocidade de resposta nos dois casos.

Para ter sucesso na elevação da motivação dos alunos, o uso das novas tecnologias da informática e das telecomunicações é imprescindível. Isso não é novidade. Os professores que já entraram nesse mundo descobriram que os alunos são curiosos, querem saber tudo instantaneamente e executam muitas atividades ao mesmo tempo, o que é permitido e facilitado pela informática. Os que ainda não entraram nesse mundo, não se conformam. Acham que isso está errado. Mas, convenhamos, os jovens são assim mesmo e não vão mudar. Não adianta gritar “pare o mundo porque eu quero descer” porque o mundo não vai parar. Cabe aos professores entrar no imaginário dos jovens, aproveitando a oportunidade para colocar elementos de ordem e de produtividade na pesquisa. Com isso, eles vão estimulando o gosto pela investigação e pelo pensamento abstrato.

Essa é a realidade. Estamos na era da Geração Internet. Os jovens preferem fazer suas pesquisas na *web* e não na biblioteca. Bem orientada, essa atividade os prepara também para o trabalho dos grupos virtuais que os espera no mercado de trabalho. Há que se tirar vantagem da alta capacidade de navegar que está presente na maioria dos jovens.

A experiência de se informar pela rede mundial de computadores é completamente diferente da sala de aula ou da biblioteca. E isso motiva muito a maioria dos jovens. Cabe aos professores introduzir o conteúdo que fará parte da formação do aluno. Em outras palavras, em lugar de negar o gosto pela *web*, os professores podem ensinar os jovens a não se perderem dentro dela. Com isso, a escola mantém e eleva a sua motivação para investigar. Em lugar de serem receptores passivos de conhecimentos, os jovens passam a ser participantes ativos. Os professores atuam nesse caso como facilitadores e não como ditadores. Isso leva os alunos cultivar o gosto de explorar as idéias. Sem isso, a escola se torna maçante e enfadonha – desmotivando o estudante. Mas, é claro, que a Internet tem seus limites e disfunções. As escolas que têm maior sucesso nesse campo, usam as modernas tecnologias com muita parcimônia. Esse é o caso recentemente relatado das escolas das Finlândia, Coréia do Sul e Polônia – países que avançaram muito na qualidade da educação nos últimos trinta ou quarenta anos.¹

A escola brasileira, com raras exceções, não está conseguindo acompanhar as transformações do mundo do trabalho. No recrutamento de um profissional, as empresas não examinam apenas o seu currículo ou seu diploma. Elas buscam os candidatos que revelam um bom potencial para pensar, questionar e apreender novos conhecimentos. São preferidos os que gostam de estudar continuamente, os que têm obsessão pela leitura, enfim, os que foram inoculados com o *vírus da curiosidade*. O “canudo” deu lugar à capacidade de pensar, questionar e responder. Para trabalhar bem, é preciso pensar bem.

Além do domínio do seu ofício, as empresas buscam profissionais que tenham atitudes e comportamentos adequados para o mundo do trabalho. Elas esperam que as escolas transmitam para seus alunos claras noções de zelo, disciplina, organização, limpeza, pontualidade, vontade de apreender e amor pelo bem feito. Tudo isso faz parte do *ethos* do mundo do trabalho e é tão importante quanto o domínio da profissão.

Componentes da produtividade

Para vencer a concorrência crescente da economia globalizada, é imperioso elevar a produtividade do trabalho. Esta depende de três fatores: da tecnologia existente na empresa, do estilo de administração e da qualificação da sua força de trabalho. Neste último aspecto, a boa qualidade da educação é crucial.

O Brasil vai mal nos três fatores, em especial, no campo da educação. A produtividade do trabalho na economia brasileira tem se mantido baixa e estagnada ao longo de muitos anos. Em todos os índices de competitividade, o país se coloca mal devido, principalmente, à baixa produtividade do fator trabalho o que, por sua vez, decorre da má qualidade do nosso ensino.

Isso tem criado um sério problema no mercado de trabalho brasileiro. Os últimos anos (2006-2012) foram marcados por uma severa escassez de mão de obra. Resultado: os salários e os benefícios aumentaram de forma expressiva e bem acima dos ganhos de produtividade do trabalho. Com isso, o *custo unitário do trabalho* subiu de forma inusitada, obrigando as empresas a repassar para os preços (alimentando a inflação) ou a retirar recursos do lucro (inibindo os investimentos). São dois problemas econômicos muito sérios e que, no fundo, decorrem da precariedade do nosso sistema educacional e na baixa qualificação da nossa força de trabalho. Isso tem comprometido severamente a competitividade das empresas num mundo em que o custo unitário do trabalho sobe

modestamente devido aos robustos avanços da produtividade. Nessas condições, é salutar que os salários e benefícios subam. A Alemanha tem salários altíssimos. Mas a produtividade é tão alta que o custo unitário aumenta pouco e as empresas conseguem competir com vantagem no mundo inteiro. A alta qualidade do ensino naquele país é um dos fatores fundamentais pela alta produtividade do fator trabalho. No caso do Brasil, a precariedade do ensino reduz a capacidade das empresas concorrerem com sucesso dentro e fora do país.

Se a concorrência é alta nos dias atuais, ela será muito mais alta no futuro próximo. Os nossos concorrentes não estão parados. Todos vêm elevando a produtividade do trabalho de modo expressivo enquanto que a do Brasil continua estagnada. Nos últimos anos, o país caiu da 32^a para a 51^a posição no índice de competitividade num total de 60 países estudados pelo IMD da Suíça. Ao desagregar os componentes da competitividade, a precária qualidade da educação surge como o principal entrave.

Quando se fala em melhorar a qualidade da educação surge logo o argumento de que qualidade não casa com quantidade. Não é verdade. A China tem 300 milhões de estudantes e 14 milhões de professores - todos cobertos por um programa de atualização de conteúdo e aperfeiçoamento didático, com uma enorme atenção à qualidade e com visíveis reflexos na produtividade do trabalho daquele país. E com isso, seus produtos conquistam o planeta.

O futuro do crescimento do Brasil

Podemos sustentar uma alta taxa de crescimento nessas condições? Pela natureza da nossa economia – fortemente baseada em agricultura, commodities e construção civil – ainda haverá uma razoável demanda por profissionais menos qualificados nos próximos anos. Isso leva muitos a pensar que o Brasil tem tempo para crescer antes de melhorar o ensino. Isso é ilusório. Mesmo nos setores de menor sofisticação tecnológica e mesmo para as ocupações mais simples, as exigências por competência crescem a cada dia. Assim ocorre na agropecuária, na construção civil, nos pequenos serviços, sem falar nos setores mais sofisticados.

A demanda por mais e mais competência é crescente e assim continuará. Vale lembrar que em 2025, uma grande parte dos nossos trabalhadores terá de lidar com técnicas que ainda nem foram criadas. Isso exigirá um grande esforço do sistema educacional como um todo, do ensino fundamental à pós-graduação.

A demanda será crescente, sobretudo, por uma sólida educação básica. Isso me leva a deixar um alerta para as escolas profissionais. Muitos pensam que a ênfase maior deva ser na dimensão prática das profissões. Pelo que vimos até agora, antes da competência profissional específica, as empresas buscam uma boa capacidade de pensar, raciocinar, avaliar e trabalhar com idéias abstratas que, no fundo, são as ferramentas do pensamento humano. Seria um erro desprezar a importância dos conhecimentos que desenvolvem o pensamento crítico dos alunos.

Mais um alerta. Além da preparação de jovens para o setor produtivo, o Brasil precisa formar gerações de bons cidadãos. Aí também a defasagem é preocupante. O exercício da cidadania só ocorre depois da incorporação adequada do sistema de direitos e deveres. Na Constituição Federal, a palavra *direito* aparece 76 vezes enquanto que a palavra *dever* aparece apenas quatro vezes. A palavra *produtividade*, duas vezes e *eficiência* uma vez. O que se pode fazer com um país que tem 76 direitos, quatro deveres, duas produtividades e uma eficiência?

Poucas são as escolas que transmitem os valores que garantem o equilíbrio entre direitos e deveres. As escolas do SESI e do SENAI são destacadas nesse campo. Vejo nelas o cultivo do *ethos* do trabalho. Visito tais escolas a mais de 50 anos. Nunca vi entre os seus alunos o desrespeito pelos professores, a depredação das instalações, o descaso pelas ferramentas, o descuido pelos valores morais. Penso que os valores do *ethos* do trabalho

vêm da interface dessas escolas com as empresas industriais. Nunca vi tampouco uma empresa bem sucedida que seja suja, descuidada e desleixada com seu equipamento e ferramentas. É dessa interface que surge a continuidade do *ethos* na formação das gerações. Esta dimensão é tão importante quanto a cognitiva até aqui comentada.

Conclusão

Em suma, os avanços quantitativos no campo da educação precisam ser urgentemente atendidos por melhorias na qualidade e por inovações nos programas e nos métodos de administrar e transmitir os ensinamentos. Persiste no Brasil um enorme abismo entre o ensino, a aprendizagem e o mundo do trabalho. O ensino faz parte do mundo das especulações enquanto que o trabalho faz parte do mundo das coisas concretas, das máquinas, do lucro e do prejuízo. Apesar disso, os dois mundos são intimamente dependentes entre si porque na vida real a teoria e a prática se misturam e se complementam. O que se busca no Brasil atual é a construção de uma ponte robusta entre os dois mundos, trazendo o ensino para as necessidades do trabalho e da cidadania – e vice-versa. A capacidade de pensar é crucial.

Como o processo educacional é demorado, o Brasil terá de encontrar um atalho. Há sinais alvissareiros. As iniciativas de educação e treinamento das empresas é animadora. Muitas investem por conta própria. Há centenas de universidades corporativas. A implementação do PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) vai na mesma direção. O aumento de matrículas nos cursos profissionalizantes é bem vindo. Ou seja, há luzes no fundo do túnel. Oxalá tudo isso seja acompanhado da mais urgente providência – a melhoria da qualidade dos educadores.